



NATUREZA: CASA DO HOMEM

*Helano Samy da Silva Holanda**

Resumo: Um dos temas mais discutidos pelas diversas ciências, sobretudo no ciclo das ciências humanas, é a garantia do futuro com reais condições de sobrevivência para as gerações posteriores. A teologia tem uma contribuição sólida e oferece fundamento ético para a reflexão sobre a vida do homem no mundo. A humanidade depende da natureza para a sua realização. Não é possível uma postura que instrumentalize a natureza e o mundo. Não se deve objetivar algo que tem valor sagrado para diversas culturas. Este artigo tem a pretensão de refletir sobre a influência das diversas cosmovisões ao longo da história tendo como luz, para o homem pós-moderno, o mito da criação no início do livro do Gênesis.

Palavras-chave: Antropologia. Criação. *Gênesis*. Responsabilidade. Cuidado.

Ecologia e Criação

A modernidade põe em cheque muitos dos conceitos religiosos que embasavam e guiavam toda a vida social e científica do período medieval. Esse ato de emancipação não se deu, contudo, de um modo puro ou considerado amadurecido, em diversos aspectos. As sociedades da época, nos diversos modos de distribuição, inclusive até hoje, não agiram efetivamente no planejamento e na sustentabilidade. Tal fator não deve ser desconsiderado em qualquer conjuntura social que se afirme configurada aos valores humanos e religiosos.

A contemporaneidade em muitos setores desconsidera o argumento bíblico como uma resposta validada eticamente para questionar uma série de intervenções na natureza que põem em risco a própria manutenção da vida. A Igreja e os homens de bem que lutam pela causa do homem, conscientes de seu ministério no mundo, devem sentir a necessidade profética de um agir que leve à “cura” do mundo.

Sabemos que o cristianismo e a teologia contemporânea, embasados nos séculos da tradição e nas recentes descobertas da exegese, podem, devem e têm a imposição ministerial de ser voz diretriz para a

sociedade mundial hodierna, no sentido de garantir a missão humana dada por Deus de “crescer e multiplicar-se”.

Pensar numa ecologia atrelada à religião é fundamentar seriamente questões que estão comprometendo o futuro e o presente da humanidade. O desejo de progresso não pode ser irresponsável, esquecendo que o centro da criação é a preservação e humanização da criatura humana. A religião cristã possui um arcabouço riquíssimo em conteúdo e didática para pautar uma postura ética na relação do homem com a natureza e com os seus pares. Explicitar e fomentar que o estudo desse tesouro é tarefa do bom teólogo o qual impelido pelo espírito de sabedoria busca na prática realizar a sua vocação de “manifestar” Deus ao mundo.

Panorâmica da Atualidade

O homem sempre se viu impelido inegavelmente a se questionar quando se depara com a magnitude do cosmos. Ao longo dos séculos percebemos uma total fragmentação dessa cosmovisão. E como experimentamos, tal processo nos conduziu, em algumas ocasiões, a excessos e bloqueios na dialogicidade. A sabedoria grega percebia o mundo como uma unidade. Esse dado deve ser resgatado de forma nova na reflexão sobre o futuro do mundo. O homem, nessa concepção, faz parte do cosmos. Salientamos que a noção de criação era estranha à visão grega. A ordem era dada e punha fim ao caos e os homens estavam inclusos nessa unicidade introduzida interiormente através da contemplação filosófica. Muitas outras explicações também eram dadas, nessa época, para a origem do homem, quase todas embasadas na mitologia religiosa.

Ao longo dos séculos essa visão foi sendo alterada até que no medievo a natureza passa a ser antagonica ao homem, as florestas, as selvas, as matas, os mares e toda a imensidão das coisas consistia no *habitat* de feras e monstros que se opunham aos homens. Essa cosmovisão era fortemente alimentada pela áurea de medo e excentricidade que pairava sobre a cultura marcada pela dicotomia que era sustentada, algumas vezes, por uma religiosidade afetada.

Na modernidade, o iluminismo emancipa os saberes da tutela da religião. Esse “movimento da razão” busca decodificar e analisar todos os processos possíveis no intuito de alcançar o domínio sobre os diversos campos da ação humana sobre a natureza e sobre si mesmo. A natureza

vai tornando-se velozmente em fonte de matéria para as especulações humanas. Isso de um modo predatório e irresponsável. Havia uma noção de infinitude na capacidade de recuperação da natureza.

Desde os primeiros conteúdos filosóficos sistematizados percebemos uma afirmação que de um modo velado já surge no texto da criação: o homem é um ser de relação e está no âmago destas. A vida humana só é plena quando contempla as dimensões relacionais básicas que constituem sua integralidade: consigo mesmo, com Deus, com os semelhantes e com o mundo (natureza bruta e natureza alterada). Essa relação se dá num processo de maturidade paulatinamente construída que a vida humana vai galgando, muito embora, desde a mais tenra idade, a pessoa humana não é apenas carente, mas dependente de todo o conjunto da *cultura* e dos *bens naturais* para desenvolver-se e se plenificar.

Creemos que Deus se dá a conhecer espontaneamente no conjunto de bens dinâmicos que chamamos natureza e no todo da criação. Está em nossas mãos realizar o zelo e a perpetuação de todo o bem criado. Na *eterna dinâmica da criação* Deus está atualizando o seu ato de criar através da humanidade. Quando surge uma nova espécie, quando as ciências conseguem resgatar uma forma de vida, manter espécies que correm risco de extinção, quando descobrimos uma maneira de aprimorar certos processos orgânicos é de fato uma atualização da nossa co-responsabilidade na pertença ao cosmo. Sempre na ótica do respeito à vontade de Deus que é a plenificação do homem.

A Origem Comum do Homem e do Mundo

A natureza deve ser vista pela ótica da sabedoria do texto bíblico da criação. Esta é, talvez, a novidade de um texto que surge como um ensinamento ético para a cultura pós-moderna. Não desprezando a racionalidade moderna, mas estando numa postura transcendental que questiona as atitudes humanas a fim de garantir a qualidade da vida de todos no presente e no futuro. Eis uma questão que toca profundamente o homem do século XXI.

A visão hebreia da criação em momento algum se opõe à conservação do cosmo, ou desmantela a perspectiva humana de fruição. Faz-se muito necessário que a religião reafirme conceitos, mude as visões equivocadas e se abra ao diálogo com o mundo contemporâneo.

O texto da criação, de um modo poético, fala da origem do mundo e do homem. Essa distinção em hipótese alguma é antagônica ao desenvolvimento da humanidade ou das ciências, pois o homem faz parte do mundo, porém com uma essência, uma *missão* diferente. Ao homem é logo impresso um caráter de divinização, como se uma centelha do absoluto o impelisse à vida. Deus soprou nas narinas do homem (*Adamah/humanidade*) e esta arte modelada viveu. Nesse mito percebemos a vocação humana no mundo e para consigo mesmo. Com relação ao mundo mantê-lo e cultivá-lo. No que se refere a nós, construímos na liberdade a nossa essência. (Cf. Gn 1, 7)

Realmente importa para toda a reflexão sobre a natureza, sobre a ecologia, uma postura que se fundamente no *cuidar*. A idéia do texto bíblico da criação fala de uma origem comum: homens, plantas e animais são chamados à convivência e à preservação, porém, cada um na sua distinção característica. O primeiro texto da criação em forma de hino, fala de uma origem gradual, o homem sendo o último a ser constituído torna-se o primeiro a contemplar a plenitude da criação completa. No segundo relato, mais antropológico, o homem é artífice na organização do mundo em comunhão com Deus. É como se Deus dividisse com a humanidade a responsabilidade da criação.

O dado importante que devemos ressaltar é a utilização dos termos que o hagiógrafo emprega na conversação entre Deus e a humanidade, reparando sempre nas minúcias do texto, que deixa clara uma postura de obediência, de intimidade, mas não de igualdade entre Deus e homem. Só haverá um diálogo do homem quando surge o seu semelhante: a mulher. *Então o homem exclamou: "Esta sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher' (isha), porque foi tirada do homem (ish)!"* (Gn 2, 23) No texto em hebraico há um jogo de palavras mais coerente que usa *'ish'* para designar o masculino e *'isha'* para nomear o feminino como duas metades que se completam. Aqui percebemos a necessidade e o reconhecimento da alteridade. (Cf. RBB, 1884, p. 41)

Entendamos Deus como o agente criador e organizador da criação. Partindo do *caos* surge a *ordem* e o *bem* por causa de seu desejo. *Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom.* (Gn 1, 31) A mitologia do Gênesis procura ao mesmo tempo uma reivindicação social, a questão do sábado (*shabbat*), e a dignificação da condição humana em face das diversas mitologias sobre a origem do mundo. É próprio de Deus criar e o

homem, por co-participação na criação, recebe esta mesma dignidade na sua essência.

No tempo em que lahweh Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque lahweh Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. (Gn 2, 4-6)

Neste pequeno trecho fundamentamos o que está dito anteriormente. Há dois princípios vitais que modificam a face da natureza criada: a bênção de Deus e a ação humana em conformidade com a aliança. O homem é um ser da terra, modelado *com a argila do solo*, mas sendo insuflado por Deus adquire uma possibilidade de plenitude neste mundo e para além dele. O homem tem a tarefa de tornar-se um *ser vivente*. (Gn 2, 7)

A visão bíblica desmantela uma visão dualista entre natureza e razão, que foi sustentada por muitos pensadores. As coisas naturais eram consideradas origem do mal e causa de fraqueza. A própria corporeidade era fonte de pecado. Essa visão eminentemente platônica em nada se adapta à visão judaica que alimenta a cosmovisão cristã. É mais plausível que mergulhemos na visão judaico-cristã de respeito à lei de Deus impressa no universo que pensarmos no argumento bíblico como simples dogma ou fábula. O homem como *ser-no-mundo* tem uma responsabilidade para consigo mesmo, dada a sua liberdade e para com o mundo que dele depende para ser significado. Enquanto *semente de plenitude*, o homem depende de Deus para indicar-lhe a direção do bem e assim realizar a sua tarefa neste mundo.

Podemos refletir que Deus, assim como percebemos em nós, é sujeito, e como sujeito uma das suas características é a manifestação da sua interioridade, mesmo que soe como um antropomorfismo imaturo é importante ressaltarmos que Deus revelando-se a si mesmo de modo total nos mostra sua vontade, seu pensamento. A diferença é que para Deus não há separação entre palavra e existência, pois a sua interioridade não é dicotômica como pode ocorrer conosco. Outro fator deve ser ressaltado: Deus não precisa relacionar-se com ninguém para afirmar a sua identidade e existência. Já a nossa subjetividade e pessoalidade são afirmadas diante de Deus, dos semelhantes e da natureza.

A natureza adquire que valor diante da dinâmica proposta até aqui? Afirmamos que o mundo é a *casa do homem*. O homem, sim, precisa

totalmente do mundo para existir e construir a sua essência a fim de alcançar a realização. A palavra que Deus dirige ao homem é para que ele entenda-se a si, ao outro e à natureza que é sua casa. A ecologia está inserida exatamente nessa questão. O homem é natureza e também está para além dela, não pode existir sem ela por isso deve compreendê-la para utilizá-la melhor e mantê-la em todo o seu esplendor para as futuras gerações, para que façam todo esse itinerário de autoconstrução.

A Responsabilidade Intrínseca do Homem

O homem como *ser da pergunta* é uma noção que extrapola os limites da religião, não se acomoda com o dado existencial, a sua transcendência “clama” no seu íntimo para realizar essa transformação da história em realidade agradável a Deus. A noção do homem como topo da criação não pode ser entendida de outro modo senão configurada na relação com Deus. Aquele que conhece mais, que possui uma experiência de discernimento entre o ético e o prejudicial é e deve ser proporcionalmente responsável de sua liberdade. Essa idéia é contemplada no segundo relato da criação no qual o homem é indagado por último na responsabilidade da origem da desordem na criação (pecado). *Ao homem, ele disse: “Porque escutaste a voz da mulher e comeste da árvore que eu te proibira comer, maldito é o solo por causa de ti! Com sofrimento dele te nutrirás todos os dias de tua vida.”* (Gn 3, 17) A idéia de Karl Rahner é ímpar na lucidez dessa proposta. O homem é de fato a *consciência da criação*. Com isto dizemos que a natureza contempla a Deus, conhece e realiza também a sua vontade na responsabilidade e ação do homem sobre o mundo.

Não há mundo sem homem e nem homem sem mundo. Dos dizeres de Heidegger podemos nos reportar para uma antropologia teológica que se baseia no aperfeiçoamento do homem, enquanto construção da sua subjetividade e desenvolvimento de sua pessoalidade. É fato claro que o homem possui uma natureza diferente e ao mesmo tempo semelhante à dos animais. O homem é instinto, mas está para além dele. É de sua própria natureza transcender os limites existenciais.

Construir a sua essência faz da existência humana uma jornada que não seria completa sem a sua inserção no mundo. Aqui podemos separar a dimensão relacional do homem: consigo mesmo e com Deus, com os semelhantes e com a natureza. O homem se percebe reflexivamente e descobre sua transcendência e sua dimensão de

possibilidade de “tocar” o absoluto, que para o tronco judaico-cristão se revelou no mundo e na história.

Os termos “submeter” e “dominar” são pensados pelo autor do Gênesis sempre na perspectiva da relação de escuta da vontade de Deus por parte da humanidade (*Adamah - vindo do solo*). Como dissemos anteriormente, o homem tem uma responsabilidade direta por co-participação na ordenação da criação. O termo submeter, que encontramos no texto sagrado, deve ser entendido numa relação direta com o texto da nomeação dos animais. (Gn 2, 7)

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra.” (Gn 1, 26)

Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, mas, para o homem, não encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Iahweh Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só, vou fazer uma (um) auxiliar (auxílio) que lhe corresponda.” (Gn 2, 18-20)

As duas narrativas são de autores, época e intenção teológica diferentes, mas se colocarmos de um modo justaposto, como proposto acima, perceberemos que são complementares e possuem uma interessante sincronia nas nuances interpretativas. O homem e os animais são modelados do solo simbolizando uma criaturalidade comum. Ambos são criaturas nos relatos citados e do mesmo modo o homem recebe dignidade superior.

No primeiro texto que relata a criação, o homem é a última obra da criação de Deus, a plenitude, aquele que irá representar Deus perante o criado, por isso a intenção do autor em deixar claro o termo submeter, dominar, que deve ser interpretado sempre no contexto relacional de obediência a Deus. Não se trata de imprimir uma vontade irresponsável, ou uma curiosidade imatura na fruição da natureza. Salientamos também as mitologias dos povos vizinhos a Israel que atribuíam aos mares, às florestas e aos fenômenos naturais personificações de divindades. (*RBB*, 1884, p. 18)

No segundo relato a ordem é invertida. Deus cria primeiramente o *Adamah* (humanidade), que irá representar, em sua companhia, toda a

criação. Nesse relato há uma antropologia mais robusta, implícita no mito. A humanidade é modelada e inflada com a interioridade da divindade. A natureza, igualmente criada, é também modelada, mas não recebe o sopro, o hálito de vida. (Cf. Gn 1, 7) O ato de nomear significa ter controle sobre, ter influência; quem conhece o nome perscruta a essência. Daí surge o respeito extremo na citação do Nome de Deus. A intenção da nomeação é explicitar que o homem é criatura e está para além da criaturalidade. *O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras selvagens, (...).* (Gn 1, 20)

Uma reflexão sobre a importância da natureza à luz da teologia não pode excluir a vocação humana de co-criador, ao passo que não deve esquivar-se da necessidade de fundamentar profeticamente uma postura de manutenção da vida que está atrelada à vocação citada. Quem cria é responsável, deve manter a ordem e o bem do criado. Deus nos confiou essa missão importantíssima de conservar a sua criação. Esse cuidado contempla a nossa atividade criativa que *atualiza* a ação de Deus na criação. Nos tempos atuais se faz necessário que a humanidade descubra qual é a vontade de Deus para este mundo, pois nessa saga estaremos redescobrimo a importância e o alcance do nosso agir no mundo.

Referências Bibliográficas

- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Edições 70, Lisboa – Portugal, 1989.
RAHNER, K. *Teologia e Antropologia*, Edições Paulinas, São Paulo, 1969.
REALE, G. & D. ATISIERI. *História da Filosofia*, Vol. 6, São Paulo, Paulus Editora, 2005.
TILLESSE, C. M. de. *Revista Bíblica Brasileira*, Editora Nova Jerusalém, Fortaleza, 1984.

**Helano Samy da Silva Holanda*

Aluno do 2º Ano de Teologia

Orientador: Pe. Domingos Cunha, Prof. do ITEP